

Da Cabeça Aos Pés
roteiro de longa-metragem
Renato Turnes

Florianópolis/SC

Todos os direitos reservados

renatoturnes@gmail.com
+55 48 999928552

1 EXT - PRAÇA XV - NOITE

A Praça XV, no Centro Histórico de Florianópolis, está envolta nas brumas de uma noite fria.

Ao longe, entre as árvores da praça e a calçada da rua que passa o lado, vemos um grupo de travestis.

Elas conversam, riem, caminham exibindo-se para os poucos carros que passam pela praça.

Uma das travestis encara a câmera, se destaca do grupo e caminha lentamente em direção à lente.

É BRIGITE, uma travesti negra, alta e forte, usando roupas curtas por baixo de um casaco pesado. A alça de uma bolsa cruza os seios muito grandes e ela calça sapatos de saltos muito altos, que a deixam ainda mais poderosa.

BRIGITE para na frente da câmera com altivez, tira da bolsa uma maço de cigarros e um isqueiro. Acende o cigarro, dá um tragada profunda e exala a fumaça com classe.

BRIGITE

Daqui eu vejo tudo. Vejo coisa que ninguém vê. Se eu abrisse minha boca, não sobrava cidadão de bem nessa ilha. Faz muito tempo que ando por aqui, lutei, conquistei meu território. Eu defendo minhas gurias. Se elas forem obedientes, trabalharem direitinho e respeitarem a mãe, estão garantidas. Está pra nascer macho que me enfrente. Eu sei apanhar, mas sei mesmo é bater. Mesmo assim velha. Que dia é hoje mesmo?

BRIGITE olha para trás, em direção ao grupo de travestis ao fundo.

BRIGITE

(gritando)
Que dia é hoje, gurias?

TRAVESTIS

(num coro bagunçado)
14 de julho, mãe!

BRIGITE

(voltando a olhar para a câmera)
Eu estou bem louca. É esse frio da

porra. 14 de julho. Deixa eu
ver...1976, né?

Ela faz cálculo mentais.

BRIGITE

Trinta e oito. Eu vou fazer trinta e
38. Mas nem é bom ficar falando isso
em voz alta, porque já era pra eu
estar morta há muito tempo. Mas é que
eu tenho quem me protege também. E não
é desse mundo, não. Por isso eu não
tenho medo. Quem tem que ter medo são
eles.

Ouvimos o som de um automóvel se aproximando.

Os sons do motor e da música que toca muito alta no rádio do
carro vão aumentando de volume, até o carro cruzar muito
rápido a frente de BRIGITE.

As travestis observam a passagem do carro, curiosas.

BRIGITE acena para o carro, enquanto o volume dos sons vai
diminuindo.

BRIGITE

É o Beto! Amanhã é o show que a bicha
está produzindo. Maior babado, não se
fala de outra coisa.

As travestis se aproximam de BRIGITE e envolvem a mãe numa
formação circular, todas olhando para a direção do carro.

BRIGITE

Imagina um cú de cidade dessa com um
show que nem esse, de artista grande,
gente moderna, coisa de Rio de
Janeiro, sabe?

UMA TRAVESTI

Eu acho que era a Gal!

BRIGITE

Onde?

UMA TRAVESTI

No carro, com o Beto.

OUTRA TRAVESTI

Eu também vi. Só no cabelão.

UMA TRAVESTI
Eram eles, sim!

As travestis saem correndo e gritando na direção em que o carro seguiu.

BRIGITE permanece no mesmo lugar, olha para a câmera, revira os olhos enquanto traga o cigarro.

2 EXT/INT - RUAS DO CENTRO/ CARRO DO BETO - CRÉDITOS INICIAIS

Imagens noturnas de Florianópolis vistas de dentro de um carro em movimento.

É o Dodge Polara que percorre as ruas do Centro.

O motorista é BETO, jornalista muito conhecido na cidade, um homem branco de trinta e poucos anos, gordo e careca.

BETO leva mais quatro pessoas no carro. Nunca vemos os passageiros completamente, apenas fragmentos de suas roupas coloridas, adereços hippies e têm os cabelos compridos.

Os passageiros gesticulam muito enquanto conversam, fumam cigarros, riem alto e cantam juntos a canção popular que está tocando no rádio do carro.

Beto estaciona na entrada do Hotel Ivoram, na Avenida Hercílio Luz, desliga o rádio e se dirige aos passageiros.

BETO
Estão entregues.

CAETANO (V.O)
Obrigado pelo jantar.

GAL (V.O)
E por mostrar a cidade, muito linda.

BETO
Imagina, foi um prazer. Descansem bem porque amanhã é o grande dia.

GIL (V.O)
Vai ser lindo.

BETHÂNIA (V.O)
Boa noite, meu amor. Direto pra casa, hein?

Todos riem.

BETO

Mas com certeza! Eu estou exausto e ainda tem um monte de coisa pra fazer amanhã. Preciso dormir. Boa noite, seus lindos.

Os quatro passageiros se despedem e saem do carro em direção à entrada do hotel.

BETO observa pelo espelho retrovisor Os Doces Bárbaros (CAETANO VELOSO, GILBERTO GIL, GAL COSTA E MARIA BETHÂNIA), de costas, entrando no saguão do hotel.

A aparente alegria de BETO transforma-se numa expressão de preocupação.

Ele olha para os lados e pelo espelho retrovisor novamente, tenso.

BETO abre o porta-luvas e tira uma agenda e uma caneta.

Abre a agenda e nela podemos ver uma lista de compromissos para o dia seguinte: reunião com advogado, delegacia, entrevista, passagem de som, show.

Entre os compromissos agendados, ele sublinha com a caneta um deles: delegacia. Ele escreve ao lado: *liberação*.

BETO guarda a agenda no porta-luvas, olha mais uma vez para os lados, liga o carro.

3 EXT - AVENIDA HERCÍLIO LUZ - NOITE

WERNER, um rapaz loiro, alto e forte, de 21 anos, usa casaco de couro e botas de vaqueiro.

Ele está sentado na mureta do córrego que percorre todo o traçado da Avenida Hercílio Luz, na altura da entrada dos fundos do Instituto Estadual de Educação. Seu rosto é iluminado pelos faróis dos carros que passam lentos.

WERNER segue com o olhar o farol de um desses carros.

Ele vira a cabeça acompanhando a luz e vê o Dodge Polara parando a uma certa distância.

O carro liga o pisca alerta.

WERNER desvia o olhar, parece nervoso com a situação.

O carro ronca o motor.

WERNER levanta-se, olha para os lados e ouve duas buzinas curtas.

WERNER respira fundo, meio sem jeito, caminha pela avenida e se aproxima do carro e se inclina sobre a janela do motorista.

BETO
Quer carona, baby?

WERNER finge profissionalismo.

WERNER
É 200, mas eu não...

BETO
(interrompendo)
Que deselegante.

WERNER
Que?

BETO
Vai gripar aí no sereno.

BETO abre a porta do carona.

4 EXT - CARRO DO BETO / AVENIDA HERICÍLIO LUZ - NOITE

WERNER entra no carro.

BETO
Gosta da Gal?

WERNER
Quem?

BETO acha graça. Liga o toca-fitas. Ouvimos o começo de "Dê um Rolê" (Fa-Tal, 1971).

5 EXT - RUAS DE FLORIANÓPOLIS - NOITE

A música continua. Imagens noturnas do Centro de

Florianópolis, mostram diversos pontos da região central da cidade, vistos através da janela do carro.

WERNER

Onde a gente tá indo?

BETO

Relaxa, baby. Escuta a música.

WERNER

Eu não conheço muito a cidade.

BETO

Já foi mais bonita. Quando tinha o Miramar. Antes do aterro, sabe?

WERNER olha para a cidade passando veloz pela janela do carro.

WERNER

Eu preciso arrumar um dinheiro. Mas eu não sou viado, não.

BETO

Ninguém é perfeito, baby.

6 EXT - FRENTE DO BAR ROMA - NOITE

BETO estaciona o carro na frente do Bar Roma.

WERNER

É aqui que tu moras?

BETO

Eu gosto de boteco, mas não cheguei nesse ponto ainda.

BETO desliga o som, sai do carro, bate a porta, mas volta e se inclina na janela.

BETO

Anda.

WERNER

Acho melhor eu esperar aqui.

BETO

Vem. Quero te apresentar pra família.

7 INT - BAR DO ROMA - NOITE

As mesas do bar estão ocupadas por uma diversidade de tipos, conversando e bebendo cerveja.

Uma cantora, SUELY, mulher preta de pele clara, 31 anos, com cabelos curtos cacheados, toca violão e canta MPB no palquinho ao fundo.

BETO e WERNER se aproximam do balcão.

São atendidos por VLAD, um homem branco de 52 anos, que usa uma boina e ostenta grandes bigodes.

VLAD

Olha o Beto!

BETO

Tudo bem, querido?

VLAD

Pensei que não vinha hoje.

BETO

Tenho que bater o ponto. Mas hoje é só uma passadinha. Me vê um maço de Hollywood.

VLAD pega o maço de cigarros e entrega para BETO.

VLAD

Não vai nem tomar uma cervejinha?

BETO

Não estou bebendo. Amanhã tem o show. Sabe como é.

VLAD

O pessoal só fala nisso.

BETO

(para WERNER)

O Vlad é jornalista também, como eu.

VLAD

No momento, afastado por razões de força maior.

PAULINHO, branco e baixinho, tem 34 anos, usa óculos é um homem gay pintoso.

PAULINHO está levemente alcoolizado e aproxima-se de BETO por trás, falando alto.

PAULINHO
Pessoas ilustres frequentando nosso
humilde bar!

BETO toma um susto.

BETO
(se recuperando do susto)
Porra, Paulinho!

PAULINHO
Ai querido, queria tanto ir no show...

BETO
(interrompendo)
Ainda está vendendo ingresso na
Brunetti.

PAULINHO olha WERNER de cima a baixo.

PAULINHO
Quem é esse?

BETO
Meu primo.

PAULINHO
Nossa, mesma fôrma essa família.

BETO
Todo mundo diz.

PAULINHO
E qual a graça do rapaz?

BETO
(para WERNER)
Como é teu nome mesmo?

WERNER
Werner.

BETO
(para PAULINHO)
Werner...É primo de segundo grau.

PAULINHO
Sei.

BETO

A gente vai indo porque o Werner tem aula amanhã cedo. Né, Werner? Ele faz UFSC.

PAULINHO

Uau!

WERNER senta na cadeira de uma mesa vaga.

WERNER

Mas acho que uma cervejinha não vai fazer mal, primo.

Imediatamente VLAD coloca uma cerveja e copos na mesa.

BETO encara WERNER com surpresa e senta lentamente.

PAULINHO se anima e também senta em seguida, mas BETO o encara fixamente, com ar de reprovação.

PAULINHO faz a ofendida, levanta e sai.

WERNER

Que figura!

BETO

Daqui a pouco todo mundo aqui vai saber nosso grau de parentesco.

WERNER

Como assim?

BETO

Falar da vida alheia é o único patrimônio público dessa cidade que já está tombado.

WERNER

Todo mundo aqui é?

BETO

Fofoqueiro? Sim.

WERNER

Não. Quer dizer, esquece.

BETO

É transa antiga isso em Florianópolis, já é histórico. Os habitantes sempre foram dos mais chegados.

PAULINHO está na porta do bar, um pouco mais alcoolizado, falando muito alto com outro homem gay, que parece entediado.

BETO (OFF)
Tem o bandeirosíssimo que não deixa
dúvidas.

PAULINHO ri muito alto.

Um RAPAZ MAGRINHO, aparentando 23 anos, sozinho numa mesa, toma um drink. Ouvimos o som da bebida sendo sugada pelo canudinho.

BETO (OFF)
O tímido que quase tropeça quando é
flagrado.

A cantora SUELY improvisa na música, meio possuída pela emoção.

BETO (OFF)
A sapatão 44.

Uma MULHER ELEGANTE, por volta dos 33 anos, lê o Jornal O Estado e fuma um cigarro numa piteira.

BETO (OFF)
A fina dama que gosta de meninas.

Um COROA, aparentando 60 e poucos anos, enche o copo de um NOVINHO que não tem mais de 20 anos.

BETO (OFF)
O senhor pai de família bem posto.

Um SURFISTA, muito bronzado, cabelos platinados de parafina, por volta dos 23 anos, conversa com outros jovens numa rodinha.

BETO (OFF)
O atlético que engrossa a voz na
frente dos brotinhos.

BETO acende seu Hollywood e olha para WERNER, com um sorriso maroto.

BETO
Há até aqueles que são e nem sabem que
são.

A cantora SUELY termina a música e fala ao microfone.

SUELY

Eu queria aproveitar aqui a presença de uma pessoa muito importante, que agita o cenário cultural da nossa cidade, o Beto. Uma salva de palmas pra ele, gente.

Alguns aplausos esparsos.

BETO debochado, levanta e acena para o público.

BETO repara em uma figura peculiar, sentada sozinha, numa mesa num canto do bar.

É VILSON, um homem branco e parrudo de 34 anos, que usa óculos de aros grossos.

Ele bebe apenas um copo de água e parece deslocado no ambiente, uma presença estranha entre os clientes habituais do estabelecimento.

BETO percebe que VLAD também olha fixamente para VILSON.

BETO se aproxima do balcão do bar, disfarçando, como se fosse pagar a conta.

BETO

(para VLAD)

O meganha ali acha que está disfarçado.

VLAD

Amigo, as vezes eu acho que a gente está paranoico, sabe?

BETO

Acorda, Vlad! O bicho está pegando. Tu tens que ficar ligado. Esse lance de Operação Barriga Verde, é real, cara. Se os homens descobrem essas reuniões aí que tu fazes aqui no bar, já era.

VLAD

(mudando de assunto rapidamente)

Trinta.

BETO

Que?

VLAD

Deu trinta a cerveja. Incluindo a taxa

de serviço.

BETO

Nossa, depois eles dizem que não tem inflação.

BETO tira algumas notas da carteira e paga VLAD, enquanto volta a observar VILSON.

VILSON tenta disfarçar, ao perceber o olhar de BETO, e bebe sua água. Ele se atrapalha e deixa água escorrer da boca, molhando a camisa e transparecendo certo nervosismo.

Ouvimos acordes meio desafinados do violão de SUELY.

SUELY

(ao microfone)

Então eu vou cantar agora, em homenagem ao Beto, uma música muito bonita, que é um dos grandes sucessos do ano nas rádios do Brasil. De uma artista que eu admiro demais, que me inspira muito.

PAULINHO grita da porta do bar.

PAULINHO

Maravilhosa!

SUELY começa a tocar *Olhos nos Olhos*.

BETO volta pra mesa onde estava sentado e bebe toda a cerveja do copo de um gole só.

BETO

(para WERNER)

Vem.

8 EXT. AVENIDA HERCÍLIO LUZ - NOITE

BRIGITE está encostada num poste, numa zona escura da avenida. O Bar Roma está o fundo.

Ela observa BETO e GERSON saindo do bar e entrando no carro.

Enquanto o carro começa a andar, BRIGITE olha diretamente para a câmera.

BRIGITE

O Beto também tem que se cuidar. A bicha pensa que porque é rica, trabalha no jornal, vai todo ano pra Nova York, frequenta a alta roda, é branca, não vai acontecer nada com ela. Mas eu vou dizer, são tempos perigosos. E tem muita gente bacana se fodendo. Bom, gente que nem eu então, nem preciso falar. Hoje em dia é difícil porque tem muito gente burra, ressentida, agarrada no passado. Gente chata, gente que não brilha e quer apagar o brilho dos outros. E gente assim quando ganha dinheiro, quando chega no poder, mostra as garrinhas. Mas garras eu também tenho.

BRIGITE mostra as unhas muito compridas.

Ao fundo vemos VILSON saindo apressadamente pelo porta do bar afora.

BRIGITE

E sei usar.

9 EXT - CARRO DO BETO / RUAS DE FLORIANÓPOLIS - NOITE

O Dodge Polara percorre a Beira Mar Norte.

BETO

Eu não quero perder a liberdade de ir e vir, de fazer e não fazer. Nem de dizer as coisas que eu digo. Mas não dá pra deixar o medo tomar conta. Não sei se tu entendes o que está acontecendo.

WERNER

O que está acontecendo?

BETO

Deixa pra lá.

WERNER

Pode falar. Eu não sou burro, não.

BETO

É que tem coisa que é melhor nem

saber, baby.

WERNER

(irritado)

Eu não gosto quando tu me chamas de baby.

BETO

Desculpa, baby.

WERNER

(impaciente)

Acho melhor a gente resolver o nosso negócio de uma vez.

BETO

Vamos passar no apartamento de um amigo antes.

BETO olha pelo espelho retrovisor, incomodado como o farol alto do carro que está logo atrás.

10 EXT. CARRO DO DELEGADO ELÓI - NOITE

DELEGADO ELÓI, um homem branco de 30 anos, dirige um Fusca.

Ele percebe que está com o farol alto e baixa a luz do farol.

Ao seu lado, no banco do passageiro, VILSON segura no *puta-merda* à sua frente.

DELEGADO ELÓI

É um maconheiro!

VILSON

(secando a camisa com um paninho)

Com certeza, doutor.

DELEGADO ELÓI

Isto é um pervertido, que se dedica a corromper a nossa juventude, é isso que ele é.

VILSON

(meio sem jeito)

Sem vergonha!

DELEGADO ELÓI

Esse tipo de artista que ele traz para a nossa cidade, quer dizer, essa gente que diz que é artista, porque arte pra

mim, é outra coisa. Música é o que? É um Chopin, um Beethoven. Não esse berreiro que esse cabeludos viciados dizem que é música. Esse tipo de bandoleiro não tem lugar na nossa cidade, não. Aqui é terra de família, de gente de bem, gente trabalhadora.

VILSON

Cristã.

DELEGADO ELÓI

Exato. Aquilo ali é tudo macumbeiro, Vilson.

VILSON

Sério?

DELEGADO ELÓI

Se duvidar amanhã nesse show tocam até ponto de macumba, sei lá.

VILSON

(quase orando)

Meu pai.

DELEGADO ELÓI

Mas o pessoal vai fazer de tudo para que esse cabaré satânico não aconteça. E se depender de mim...

VILSON

Que pessoal, doutor?

DELEGADO ELÓI

(se sentindo importante)

São informações confidenciais, Vilson.

VILSON

(admirado)

Entendi.

DELEGADO ELÓI

E vai ser na base da maconha.

VILSON

Como é que é?

DELEGADO ELÓI

Porte de substâncias ilícitas. Aqui, na minha cidade, é tolerância zero com

maconheiro vagabundo. Pode ser pobre, rico, preto, branco, famoso, zé ninguém. Se eu pegar portando essa erva do demônio, é cana.

VILSON

E com certeza tem substância ilícita nisso aí.

DELEGADO ELÓI

E a gente vai achar e cancelar essa pouca vergonha desse show. Esse mariquinha aí é muito linguarudo na coluna dele no jornal, mas eu não ligo, não. Vai em cana igual. Vai ele, vai artista, seja quem for. O que é isso, agora? Essa bagunça, aqui não. Que fiquem lá pra cima na terra deles, enchendo a cara de maconha, não me importo. Mas aqui, não. Aqui a gente ainda tem lei, tem moral, tem bons costumes.

VILSON

Temos que proteger as nossas crianças.

DELEGADO ELÓI

E tem gente que ainda gosta. Acha moderno.

VILSON

A juventude está perdida mesmo, doutor.

DELEGADO ELÓI

E esse outro aí com ele, quem será?

VILSON

Primo.

DELEGADO ELÓI

Que?

VILSON

É primo dele.

DELEGADO ELÓI

Primo de quem?

VILSON

Do Beto. É primo do Beto. Estavam

falando lá no Roma.

DELEGADO ELÓI
Diferente ele, né?

VILSON
É primo de segundo grau.

11 EXT. AVENIDA BEIRA MAR - NOITE

O Dodge Polara cruza a Beira Mar. Logo atrás, passa o Fusca dos Policiais.

12 EXT. AVENIDA TROMPOVSKI - NOITE

De dentro do Fusca, os policiais observam ao longe BETO e WERNER entrando na portaria de um edifício muito elegante.

DELEGADO ELÓI observa a cena atentamente através do vidro do para-brisas.

VILSON observa os suspeitos através de um binóculo.

DELEGADO ELÓI
Muito suspeito esses dois circulando,
uma hora dessas, por essa região da
cidade.

DELEGADO ELÓI percebe que o assistente está usando o equipamento de forma totalmente desnecessária e revira os olhos.

VILSON, sem graça, guarda o binóculos na porta-luvas.

VILSON
Isso, com certeza, é festinha de grã-
fino regata a entorpecente, doutor.

DELEGADO ELÓI
Isso se não for tráfico, Vilson.

Os dois policiais trocam olhares desafiadores.

13 INT. ELEVADOR - NOITE

BETO e WERNER lado a lado subindo no elevador.

WERNER

Que amigo é esse?

BETO

É a metralhadora platinada, a pantera da comunicação, mãe de todos nós, muito melhor que o Chacrinha.

14 INT. CORREDOR DO PRÉDIO DE CELSINHO - NOITE

BETO e WERNER estão parados em frente à porta de um apartamento, de onde vem uma disco music animada.

BETO (OFF)

Ao menos mais engraçado ele é.

A porta se abre, a música toma conta do corredor.

CELSINHO, um homem gay muito loiro e esfuziante, de cerca de 60 anos, vestido com uma camisa fina com estampa de onça, no rosto uma maquiagem em andamento, os recebe.

CELSINHO

Até que enfim! Pensei que não ia vir mais.

BETO

Jamais faria essa desfeita.

15 INT - APARTAMENTO DE CELSINHO - NOITE

O apartamento é um duplex amplo e pomposo, num estilo maximalista, com uma grande escadaria no meio da sala.

Uma pequena festa está acontecendo.

Os convidados são em sua maioria homens mais velhos, alguns estão travestidos, alguns dançam. Eles bebem vinho e champanhe, servidos por um GARÇOM jovem e bonito.

BETO tenta apresentar WERNER.

BETO

Esse aqui é o...

CELSINHO
(interrompendo)
Teu primo, né? Já estou sabendo.

BETO olha para um canto da sala e vê PAULINHO, taça de champanhe na mão, falando sem parar com um dos homens maduros travestidos, que parece bem entediado. Eles cruzam o olhar e PAULINHO acena com um tchauzinho.

CELSINHO
Então, amanhã é o grande dia?

O GARÇOM oferece uma bandeja com taças de champanhe aos três.

BETO
Tu vais, né?

CELSINHO
Meu amor, é muito hippie pra mim. É muito cabelo, muita roupa de franja. Barulho demais. Tu me conheces. Meus ouvidos são acostumados a Maria Callas, meu bem. E depois, se eu apareço num lugar assim, o povo fica louco.

BETO
Tu és uma estrela, Celsinho.

CELSINHO beija carinhosamente o rosto de BETO.

CELSINHO
Fiquem à vontade. Eu preciso acabar de me arrumar.

CELSINHO sobe a escadaria.

BETO e WERNER sentam-se em um sofá estilo Luís XV.

As bichas olham para WERNER com interesse e cochicham entre si.

Na vitrola começa a tocar uma antiga canção romântica.

A luz na sala baixa.

Os homens aproximam-se de seus pares e começam a dançar juntinhos, rostos colados.

Vemos detalhes dos corpos em contato, olhares e sorrisos dos homens dançando.

BETO (OFF)

Pergunte ao coração se já amou na vida. Uns poucos respondem: já! Maioria vacila. Muitos não têm coragem de reconhecer que jamais amaram além do espelho. Outros confundem entusiasmo passageiro com amor. Uma fuga à impossibilidade de abrir espaço no ser a outra pessoa que não seja o ego.

WERNER olha fixamente para BETO, que observa a cena dos homens dançando.

BETO

(para WERNER)

Eu e eu somos tantos quando eu estou sozinho.

WERNER parece não entender.

Som de agulha riscando o disco. A música para bruscamente. As bichas reclamam.

PAULINHO está diante da vitrola, bêbado, com um disco na mão.

PAULINHO

Silêncio! É chegado o momento mais esperado da noite. Recebam ela, a deusa loira da Galeria Comasa, com sua beleza estonteante e seu par de pernas premiado no Rio de Janeiro no ano de 1946.

PAULINHO bota o disco na vitrola.

PAULINHO

La Pamplona!

Na vitrola toca um mambo.

Uma BICHA IDOSA (70) opera um pequeno refletor que dirige para o alto da escadaria.

Vemos apenas os pés de CELSINHO sobre sapatos de saltos altos.

CELSINHO

Viado, não é essa música!

PAULINHO

Ai!

PAULINHO tira a agulha do disco. As bichas estão nervosas.

Os pés de CELSINHO, iluminados pelo refletor, estão impacientes,

CELSINHO

Aquela que eu falei, bicha!

PAULINHO procurando a música no disco.

A BICHA IDOSA do refletor segura o riso.

PAULINHO

Ai, não enxergo.

CELSINHO

A segunda, sua bêbada!

PAULINHO acerta a música. Começa a tocar um bolero.

PAULINHO

La Pamplona!

A BICHA IDOSA direciona o refletor com cuidado.

No alto da escadaria, surge CELSINHO montado, peruca loira enorme, seios de borracha, veste um peignoir preto, com uma fenda lateral que permite vislumbrar suas pernas belíssimas.

CELSINHO dubla a canção enquanto performa, descendo a escadaria.

Ele circula por entre os convidados, senta no colo de WERNER e brinca com BETO.

CELSINHO plana pela sala, é aplaudido e adorado.

A cena é interrompida pelo som estridente de uma campainha.

CELSINHO para a performance bruscamente.

A BICHA IDOSA se assusta e tira o refletor de cima de CELSINHO.

PAULINHO tira a agulha do disco bruscamente.

As bichas cochicham, apreensivas.

A campainha toca novamente. O GARÇOM corre em direção a cozinha.

CELSINHO
(ameaçando um pití)
Mas que inferno! Eu falei pro porteiro
que não gostaria de ser incomodado.

O GARÇOM retorna, ofegante.

GARÇOM
É a polícia.

BETO se levanta rapidamente, como se procurasse uma saída.

As bichas convidadas ficam apreensivas, em silêncio.

PAULINHO
(gritando, melodramático)
Meu Deus! Meu Deus!

16 INT. CORREDOR DO PRÉDIO DE CELSINHO - NOITE

CELSINHO abre a porta do apartamento para falar com DELEGADO ELÓI e VILSON, parados no corredor.

Ele está vestindo pijamas de seda com uma estampa exótica e pantufas. Está meio descabelado e com uma máscara de creme verde aplicada no rosto. Nenhum sinal de outras pessoas no apartamento ao fundo.

CELSINHO
Pois não?

Os dois policiais estão atônitos.

DELEGADO ELÓI
Boa noite. O senhor é...

VILSON
(deslumbrado)
Celso...

CELSINHO
Pamplona, ao seu dispor. Em que posso
ajudá-los, senhores?

VILSON
A minha mãe adora o seu programa! Não

perde um.

CELSINHO sorri, carismático.

DELEGADO ELÓI

(meio constrangido)

Bem, eu sou o Delegado Elói e esse é meu assistente...

VILSON

Vilson, meu nome é Vilson. É um prazer, viu?

CELSINHO

Vilson, Vilson do quê? Teu rosto não me é estranho. Tu não és parente dos Belarmino, lá da Armação, não, né?

VILSON

Martendal. Na verdade minha família é de Santo Amaro da Imperatriz.

CELSINHO

Não vais me dizer que és parente da Margarete Martendal, que foi rainha da Festa do Divino...1958 eu acho.

VILSON

Minha tia. Sim, a Tia Margarete.

CELSINHO

Meu Deus, eu sabia. Mas é a cara dela. Quanto tempo que eu não vejo a Margarete. Olha, a gente aprontava tanto naqueles carnavais dos clubes do continente, uma época boa. Como que está a Margarete?

VILSON

Morreu.

CELSINHO

Meu Deus do céu! A Margarete, que Deus a tenha. Sinto muito, meu querido.

VILSON

Morreu nova até, a tia Margarete.

CELSINHO

Me pegou de surpresa essa notícia. Mas que mal lhe pergunte, morreu de quê,

hein?

DELEGADO ELÓI

(interrompendo)

Eu peço desculpas por bater assim na porta do senhor, a essa hora.

CELSINHO

Vocês sabem, eu tenho um problema de sono terrível. Então, eu tomo meus remedinhos e tento dormir pontualmente as 20:30, todos os dias, senão, no outro dia, eu estou um caco.

VILSON

A gente não queria incomodar.

DELEGADO ELÓI

Mas nós estamos numa missão importante. Não sei se o senhor ouviu falar do aumento do uso de substâncias ilícitas por parte dos nossos jovens.

CELSINHO

Eu não leio a parte policial do jornal. É muita desgraça.

VILSON

Realmente.

DELEGADO ELÓI

Enfim, nós estamos numa investigação e tivemos informações que o senhor poderia ter recebido um suspeito em seu apartamento.

VILSON

E o primo dele.

CELSINHO

(rindo)

Meus senhores, eu já estava no meu segundo sono.

VILSON

(envergonhado)

Deve ter sido um engano.

DELEGADO ELÓI

O jornalista Beto, o senhor conhece, é claro.

CELSINHO

Beto? Assim de nome...

DELEGADO ELÓI

Stodieck. Colunista.

CELSINHO

Ah, Claro. Sei quem é. Mas esse rapaz não pertence aos meus círculos de amizade, não. Meio doidinho ele. Puxa fumo, é?

DELEGADO ELÓI

É o que apontam as investigações.

CELSINHO

Eu tenho verdadeiro horror a essas drogas de hoje em dia. Na minha época de juventude, droga pra gente era o quê? Um lança perfume no carnaval e olhe lá. Dava aquele zumbidinho, uma euforiazinha, né? Uma coisa inocente. Mas tudo dentro da lei. Hoje as coisas são muito pesadas, não é? Para mim não dá, eu que já sou assim todo elétrico, imagina se fumasse maconha.

VILSON

Mas a maconha, ela relaxa, o senhor sabia?

CELSINHO

Ah, é?

VILSON

Ouvi dizer. Diz que dá até sono.

CELSINHO

Interessante.

DELEGADO ELÓI

É uma droga terrível, que acaba com a vida dos nossos jovens. Além de ser uma porta de entrada para coisas mais pesadas. O objetivo da nossa operação é extirpar esse mal da nossa sociedade.

CELSINHO

Olha, parabéns. Mas então tá, era isso então? Vocês me desculpem mas

realmente...

VILSON

Nós é que pedimos desculpas ao senhor,
por essa inconveniência. Foi um
engano, não é doutor?

DELEGADO ELÓI

Sim. Aparentemente.

CELSINHO

(para VILSON)

Espera um pouquinho, meu querido.

CELSINHO se afasta um pouco, como se pegasse algo na mesinha
ao lado da porta. Pega uma foto sua, glamoroso, ao estilo
diva de Hollywood.

CELSINHO

(entregando a foto para VILSON)

Toma aqui, para a sua mãe.

VILSON

(encantado)

Nossa!

CELSINHO

Tem um autógrafo atrás.

VILSON

Ela vai amar.

CELSINHO

E mais uma vez, meus sentimentos pela
passagem da Tia Margarete. Era uma
grande mulher.

VILSON

(emocionado)

Muito obrigado.

CELSINHO

Então boa noite, rapazes. E obrigado
pelo trabalho tão importante pra nossa
sociedade.

DELEGADO ELÓI

Imagina, não é mais que o nosso dev...

CELSINHO fecha a porta na cara dos policiais.

17 INT. QUARTO DE EMPREGADA DE CELSINHO - NOITE

CELSINHO abre a porta do quarto de empregada e acende a luz.

Todas as bichas convidadas, o GARÇOM, BETO e WERNER estão estáticos, em silêncio, amontoados no pequeno quarto, algumas com as taças ainda na mão.

CELSINHO
A barra está limpa.

As bichas começam a se movimentar, dão gritinhos de alívio, ajeitam-se, comentam a situação, bebem e começam a voltar para sala.

18 EXT/INT. RUAS DE FLORIANÓPOLIS/CARRO DO BETO - NOITE

Pelas janelas do Dodge Polara, vemos as luzes da cidade movimentando-se velozmente.

No rádio do carro, toca baixinho uma canção melancólica.

WERNER, com a cabeça encostada na janela, tem o olhar perdido na paisagem, que vemos passando refletida no vidro.

19 EXT. PLANTAÇÃO DE FUMO - DIA

FLASHBACK

O sol arde sobre a grande plantação de fumo.

WERNER está entre os muitos agricultores que trabalham na lavoura.

Vemos também GUINThER, pai de WERNER, um homem loiro de 40 e poucos anos e sua esposa ILMA, mãe de WERNER, mulher branca de 40 anos, com aparência debilitada.

Perto deles uma menina loira brinca com as folhas de fumo. É ESTEFÂNIA, a irmã pequena de WERNER, que tem nove anos de idade.

Os agricultores pulverizam agrotóxicos sobre a plantação, sem proteção alguma.

As mulheres juntam as folhas de fumo em grandes feixes.

Os homens carregam nas costas os feixes de fumo e abastecem pequenos caminhões, com logomarcas de empresas estrangeiras.

WERNER observa seus pais exaustos da lida na lavoura.

ESTEFÂNIA se aproxima e entrega para WERNER uma bonequinha feita de folhas de fumo.

20 INT. COZINHA DA FAMÍLIA DE WERNER - NOITE

WERNER, GUINTHER E ESTEFÂNIA estão sentados ao redor da mesa simples.

No rádio toca *A Hora do Brasil*.

ILMA se aproxima da mesa com uma panela nas mãos e serve primeiro ao marido, depois aos filhos. Ela senta-se à mesa e tosse, cobrindo a boca com as mãos.

WERNER

Tem que ver essa tosse, mãe.

ILMA sorri, como se agradecesse a preocupação do filho.

GUINTHER

Isso aí é uma gripe mal curada.

Todos voltam a comer em silêncio, enquanto as notícias do governo tocam no rádio.

21 INT. SALA DA CASA DA FAMÍLIA DE WERNER - NOITE

WERNER e ESTEFÂNIA brincam de desenhar, deitados no chão da sala.

O desenho de ESTEFÂNIA representa a plantação de fumo.

O desenho de WERNER é bonito e representa a irmã, olhando através de uma janela. O desenho chega a ser sofisticado, com uso de luz e sombra e uma boa noção anatômica.

WERNER mostra o seu desenho para a irmã.

ESTEFÂNIA

Que bonito, mano.

WERNER

É você.

ESTEFÂNIA pega o desenho do irmão e olha para ele com atenção.

ESTEFÂNIA

Não parece comigo, não.

WERNER faz uma expressão triste, brincando de ter ficado magoado.

ESTEFÂNIA

Mas é bonito igual.

WERNER

(sorrindo)

Obrigado, mana. Agora vamos dormir, porque amanhã tem escola cedinho.

ESTEFÂNIA

Amanhã eu não vou pra escola.

WERNER

Como assim?

ESTEFÂNIA

O pai disse que eu vou ajudar no serviço.

22 EXT. COZINHA DA FAMÍLIA DE WERNER - NOITE

ILMA está lavando a louça do jantar. Ela interrompe o serviço e se apoia na pia, como se estivesse tonta. GERSON se aproxima.

WERNER

Mãe, a senhora promete ir no médico pra ver isso?

ILMA

(disfarçando o mal estar)

Quando der eu vou, filho. Vai deitar que amanhã a lida começa cedo.

WERNER abraça a mãe forte, por um tempo demorado.

ILMA
(estranhando um pouco)
Vai dormir, menino.

WERNER
Boa noite, mãe.

ILMA
Boa noite, meu amor.

23 INT. SALA DA CASA DA FAMÍLIA DE WERNER - NOITE

GUINTHER está sentado em frente ao rádio, ouvindo o noticiário.

RADIALISTA (OFF)
Desde o ano passado, o governo brasileiro tem criado políticas para fortalecer a modernização da nossa agricultura.

WERNER, no caminho para o quarto, surge atrás de GUINTHER.

RADIALISTA (OFF)
Um exemplo importante é o Programa Nacional de Defensivos Agrícolas (PNDA), que tem como metas estimular a produção interna de defensivos...

WERNER olha para o pai por alguns momentos, como se quisesse falar algo.

WERNER
Pai.

GUINTHER permanece atento ao rádio.

RADIALISTA (OFF)
...trazer capital estrangeiro e subsidiar empresas produtoras do setor, além de facilitar o crédito para que os agricultores possam comprar esses importantes insumos...

WERNER
A mana devia ir pra escola, pai.

GUINTHER
Não precisa de escola para aprender a

feixar fumo.

WERNER faz menção de responder, mas percebe que é inútil e desiste.

RADIALISTA (OFF)
...inseticidas, organofosforados, como
o DDT, carbamatos, herbicidas,
fungicidas...

WERNER sai em direção ao corredor.

24 INT. QUARTO DE WERNER E ESTEFÂNIA - NOITE

WERNER está arrumado, sentado na cama.

ESTEFÂNIA dorme na cama ao lado.

WERNER tira uma bolsa de debaixo da sua cama. Abre a bolsa e confere os documentos e um pequeno maço de dinheiro.

WERNER se aproxima da irmã, que aparenta dormir profundamente.

WERNER
(sussurrando)
O mano volta logo.

WERNER beija a testa da irmã.

25 EXT. FRENTE DA CASA DA FAMÍLIA DE WERNER - AMANHECER

Com a mochila nas costas, WERNER deixa a casa da família e começa a caminhar pela estradinha de terra.

Ele olha para trás, como se quisesse se despedir da casa.

ESTEFÂNIA está na janela, olhando para o irmão. A imagem remete ao desenho que WERNER fez durante a brincadeira com a irmã.

Ela acena e WERNER acena de volta. Ele retoma a caminhada.

FIM DO FLASHBACK

26 EXT. CARRO DO BETO - NOITE

BETO estaciona o carro e retira do porta-luvas um molho de chaves.

WERNER

É aqui a tua casa?

BETO

Não.

WERNER

Qual é tua, cara?

BETO

Eu tenho que passar num lugar antes.

WERNER

(impaciente)

Olha aqui, é o seguinte: vamos finalizar o nosso negócio. Chega de palhaçada de ficar dando rolê por aí. Quer fazer o quê? Vamos fazer aqui mesmo, então.

BETO

Muito romântico.

WERNER

Ou então, se não quer mais, me dá meu dinheiro e a gente fica por isso mesmo.

BETO

Mas tu estás com pressa, porque? Tens compromisso?

WERNER

Esse negócio de polícia atrás de ti. Tu é metido com droga, né?

BETO

Sou metido com a vida, baby.

WERNER

Pra ti é fácil, todo riquinho. Deu merda, papai tira da cadeia. Mas eu, não, entendeu? Se eu sumir, ninguém nem vai dar conta.

BETO se debruça sobre o corpo de WERNER para abrir a porta do

passageiro.

BETO

Pode ir. Não quero ser responsável por mais um desaparecimento.

WERNER

Meu dinheiro.

BETO

Certo. Eu dou teu dinheiro ali. Vamos.

BETO começa a abrir a porta do carro, mas WERNER segura seu braço.

WERNER

(irritado)

Tu achas que eu sou otário?

BETO

É sério, eu preciso ir ali na Galeria, daí a gente se acerta.

WERNER

(interessado)

Que galeria?

BETO

Galeria de Arte. Minha Galeria. Eu tenho que passar ali pra ver uma coisa.

WERNER parece curioso.

27 EXT. RUA DO STUDIO A2 - NOITE

A câmera estática, em plano aberto, mostra ao longe o Dodge Polara de BETO estacionado, com a porta do passageiro aberta, em uma rua estreita, de casa antigas.

BRIGITE entra em cena, ocupando o primeiro plano.

Enquanto ela fala vemos ao fundo BETO e WERNER saindo do carro e se dirigindo até uma das casas antigas da rua.

BRIGITE

A gente nunca sabe a história do outro. Não completamente. Alguma coisa sempre escapa, porque as pessoas tem

seus mistérios. Então, o mais difícil nesse lance de amar, é amar o mistério do outro. Não tentar decifrar, porque isso é viagem. A gente é pessoa. Inteira. O outro também. Ninguém completa ninguém, não. Porque o que falta, faz parte. Tem uma beleza e uma loucura em receber o mistério de alguém. Mas, porque que eu estou falando isso? Porque viver, nos dias de hoje, é perigoso. Hoje a gente está aqui, brincando de polícia e ladrão. Amanhã vem um vento sul, uma chuva forte, um frio de doer. Vem um milico, um político, um pastor. Vem uma guerra. Vem uma peste. Vai saber. Tem que se entregar a esse lance de estar aqui. É melhor viver enquanto a gente está vivo.

28 EXT. FACHADA DO STUDIO A2 - NOITE

BETO e WERNER chegam na porta de um casa antiga, de arquitetura colonial açoriana. Na fachada da casa, está pendurada uma placa que diz: STUDIO A2.

BETO percebe que algumas luzes dentro da casa estão acesas.

BETO

Que estranho.

WERNER

O quê?

BETO

Essas luzes acesas lá dentro. Não era para ter ninguém aqui.

WERNER

Melhor a gente ir embora.

BETO

O pessoal que está montando a exposição deve ter esquecido.

WERNER

Tem certeza?

BETO
Não. Mas, como diz o meu amigo
comunista, a gente anda muito
paranoico.

BETO pega as chaves e começa a abrir a porta, com cuidado.

29 EXT. RUA DO STUDIO A2 - NOITE

BRIGITE acende um cigarro. Ao fundo vemos BETO e WERNER,
entrando na casa do Studio A2.

O Fusca do DELEGADO ELÓI passa muito lentamente por BRIGITE.
O policial encara a travesti, que o encara de volta.

BRIGITE
E tem outra coisa. Às vezes, o perigo
vem disfarçado. A gente começa achando
ridículo. Nossa, isso é patético. Como
é que pode alguém levar isso a sério?

O Fusca segue lentamente pela rua estreita.

BRIGITE
Mas sempre tem alguém. E quando a
gente vê, muita gente levou a sério e
concordou com aqueles absurdos. E, de
repente, se a gente não se cuidar...

O Fusca estaciona mais além do Dodge Polara e desliga os
faróis.

BRIGITE
A gente some.

30 INT. STUDIO A2 - NOITE

BETO e WERNER entram na grande sala da galeria, iluminada por
poucos pontos de luz direcionados para as paredes, como se
estivessem à espera de quadros.

Algumas poucas telas já estão penduradas, outras permanecem
no chão, encostadas nas paredes, algumas delas cobertas com
um pano.

Uma tela grande, retratando uma mulher negra, está
centralizada na parede em frente à porta de entrada.

Na frente dela, sentada em um banco, está VALDA, uma mulher negra de 23 anos. Ela é muito bonita e usa um poderoso cabelo Black Power.

BETO

Valda?

VALDA

(olhando para trás)

Oi, Beto.

BETO

O que tu estás fazendo aqui a essa hora, mulher?

VALDA

Não consegui ir embora. Fiquei aqui olhando para o meu trabalho, pensando.

BETO

Está nervosa com a exposição?

VALDA

Um pouco, eu acho. Sei lá o que vão achar. E se não gostarem de nada?

BETO

Não tem como, Valda. As telas são lindas. E eu nunca vi mulher mais linda.

VALDA

Se tu diz.

BETO

Vai ser um sucesso. Depois de passar o show dos Doces Bárbaros, eu vou divulgar muito. Tu vais vender, Valda.

VALDA

Tomara.

WERNER caminha pela galeria, admirando as obras de VALDA espalhadas pelo espaço.

As telas são, em sua maioria, retratos de mulheres negras ou cenas do cotidiano do morro.

WERNER se detém em frente à pintura de uma mulher negra, com grandes olhos, expressivos e melancólicos.

WERNER
(pensando em voz alta)
Os olhos...

BETO
Tem uma tristeza.

WERNER
(para VALDA)
São você?

VALDA
Não sei. É o jeito que eu sei fazer.

BETO
Os olhos são iguais os do teu pai, o
Seu Timóteo.

VALDA
Eu estava pensando sobre isso. Eu acho
que tudo sou eu, o que eu já vivi. Mas
também é a história dos que vieram
antes de mim. E também do que ainda
vai vir.

BETO
O que vai vir me dá um pouco de medo.

VALDA
Medo de quê?

BETO
Sei lá, medo de desaparecer.

VALDA
Eu tenho medo do esquecimento.

BETO
Que também é um jeito de desaparecer.

VALDA
Da pobreza e da loucura.

BETO
De morrer moço.

VALDA
(para WERNER)
E tu, menino, tem medo de quê?

WERNER
De vocês, um pouco.

BETO e VALDA riem.

WERNER
É bonito. Emociona a gente.

VALDA
Que legal. Muito obrigada.

BETO
A gente passou aqui só para pegar um
negócio.

31 INT. DEPÓSITO NO STUDIO A2 - NOITE

BETO tira algumas caixas de frente de um armário. Ele abre a porta do armário com uma das chaves do molho que ele carrega. De uma gaveta interna do armário, tira um envelope de papel pardo. Coloca o envelope em uma sacola que encontra no depósito, cheia de panfletos do show.

32 INT. STUDIO A2 - NOITE

BETO volta para a galeria.

WERNER e VALDA estão sentados no banco, lado a lado, olhando para a tela grande pendurada na parede em frente.

BETO
Pronto. Vamos?

WERNER se levanta.

BETO
E tu, Valda?

VALDA
Posso ficar aqui? Já perdi o último
ônibus pro Estreito.

BETO
Se fosse uma noite normal, eu até te
levava, mas...

VALDA

(interrompendo)

Imagina, quanta coisa que tu deves ter pra fazer, com o lance do show e tudo mais. Eu quero ficar aqui com as minhas coisas. Tem aquele colchãozinho ali no depósito, não tem?

BETO

Tem sim.

BETO e VALDA se abraçam longamente.

WERNER já está na porta, esperando para sair.

33 EXT. CARRO DO DELEGADO ELÓI - NOITE

DELEGADO ELÓI e VILSON escutam o rádio do carro.

COMENTARISTA DO RÁDIO (OFF)

Nós temos uma tradição na nossa cidade, que merece ser respeitada. É preciso ter muito cuidado com essas atrações musicais de fora, que deturpam a mentalidade dos nossos jovens. A nossa cultura é ingênua. É o boi-de-mamão, é o terno de reis. Nosso povo é um povo inocente. Não podemos aceitar passivamente a invasão dessa arte depravada, dessas roupas indecentes, desse comportamento efeminado....

DELEGADO ELÓI

E das drogas!

COMENTARISTA DO RÁDIO (OFF)

...das drogas, especialmente dessa erva maldita, a maconha, que corrompe a vontade de viver da nossa juven...

O rádio começa a sair do ar. VILSON mexe no dial, tentando retomar o sinal, mas acaba encontrando outra estação.

Está tocando *Fé Cega, Faca Amolada*, com os Doces Bárbaros. Os dois policiais prestam atenção.

VILSON começa a balançar a cabeça, no ritmo da música.

VILSON
(cantarolando)
*...agora não pergunto mais aonde vai a
estrada...*

DELEGADO ELÓI olha para VILSON com um ar de espanto e reprovação.

VILSON desliga o rádio.

Os policiais percebem BETO, com a sacola a tiracolo, e WERNER saírem do Studio A2.

DELEGADO ELÓI
Olha lá, a sacola cheia de maconha!
Agora esse malandro não escapa. Não
vai ter show!

VILSON
O senhor vai conseguir, doutor!
Imagina, que façanha, cancelar o show!

DELEGADO ELÓI
É o triunfo da moralidade.

VILSON
O senhor vai ficar famoso, doutor.

DELEGADO ELÓI
Tu diz?

VILSON
Vai entrar para a História.

DELEGADO ELÓI
Imagina, é apenas meu trabalho.

VILSON
Talvez role até uma promoção, já
pensou?

DELEGADO ELÓI
"Diretor Elói", acho que combina,
hein?

VILSON
"Diretor-Geral Elói"

DELEGADO ELÓI
(deslumbrado)
"Diretor-Geral".

O Dodge Polara liga o motor e os faróis.

VILSON
(apontando)
Olha lá, doutor. Eles estão fugindo!

DELEGADO ELÓI cai na real e liga o motor do Fusca.

34 EXT. CENTRO HISTÓRICO/CARRO DO BETO - NOITE

O Dodge Polara corta a noite do Centro Histórico de Florianópolis. De dentro do carro em movimento, vemos cenas da fauna noturna do Centro.

WERNER (OFF)
Eu gosto de desenhar.

35 EXT. CARRO DO BETO/MERCADO PÚBLICO - NOITE

Bêbados cambaleiam ao redor do Mercado Público.

BETO(OFF)
Eu gosto de gente.

36 EXT. CARRO DO BETO/AVENIDA HERCÍLIO LUZ - NOITE

Michês na Avenida Hercílio Luz encaram fixamente o carro que passa.

GERSON(OFF)
Eu gosto de sábado.

37 EXT. CARRO DO BETO/ATERRO - NOITE

Sombras humanas circulam pelo Aterro da Baía Sul.

BETO(OFF)
Eu gosto dos meus amigos.

38 EXT. CARRO DO BETO/RUA TIRADENTES - NOITE

Músicos negros guardam seus instrumentos, em frente a um bar de samba em final de noite.

GERSON(OFF)

Eu gosto de dormir, eu gosto de não
precisar fazer nada, eu gosto de ficar
quieto.

39 EXT. CARRO DO BETO/RUA CONSELHIRO MAFRA - NOITE

Prostitutas esperam nas portas das construções antigas da Rua
Conselheira Mafra.

BETO (OFF)

Eu gosto de Gal, eu gosto de som, eu
gosto das minhas velhas neuroses.

40 INT. REDAÇÃO DO JORNAL O ESTADO - DIA

FLASHBACK

BETO sentado em sua mesa de trabalho, datilografa em uma
grande máquina de escrever.

Outros jornalistas também trabalham em suas respectivas
mesas.

Fotógrafos circulam com seus equipamentos.

O ambiente é preenchido pelo som alto das teclas das muitas
máquinas de escrever.

LAUDELINA, secretária do jornal, uma mulher branca de
quarenta e poucos anos, usa óculos de grau e está vestida de
forma conservadora, se aproxima da mesa de BETO.

LAUDELINA

Com licença, Seu Beto. O Seu Sérgio
quer falar com o senhor na sala dele.

BETO

(sem tirar os olhos da máquina)
O que que ele quer, hein? Eu estou
super ocupado.

LAUDELINA

Não sei, Seu Beto. Mas parece sério.

BETO

Diz para ele que eu vou assim que eu
terminar aqui a coluna de amanhã.

LAUDELINA

Se eu fosse o senhor, eu ia agora.

BETO finalmente levanta o olhar e olha para LAUDELINA.

41 INT. SALA DO EDITOR-CHEFE - DIA

SÉRGIO, editor-chefe do Jornal O Estado, um homem branco de trinta e poucos anos, está sentado atrás de uma grande mesa, lendo os originais da edição do dia seguinte.

Ouvimos três batidas na porta, que se abre lentamente.

BETO coloca a cabeça para dentro da sala.

BETO

Bom dia, chefinho. Mandou me chamar?

SÉRGIO

Bom dia, Beto. Entra aí.

BETO senta-se na cadeira em frente à mesa de SÉRGIO.

BETO

Aconteceu alguma coisa?

SÉRGIO

Beto, tu sabes, eu nem preciso ficar te falando, da barra que a gente está segurando aqui no jornal.

BETO

Claro que eu sei, Sérgio.

SÉRGIO

É todo dia ligação aqui. Ameaça de milico, pressão de dono. E a gente tendo que rebolar para poder publicar com um mínimo de liberdade. Semana passada eu tive que ir três vezes conversar com milico, explicar o óbvio para gente que não tem a mínima noção do nosso trabalho.

BETO

Eu sei, Sérgio. E eu admiro demais esse teu esforço.

SÉRGIO

E o pessoal ainda por aí falando que eu sou pelego. Cara, é muito

desgastante.

BETO

É uma merda.

SÉRGIO

O jornal sempre foi alinhado com o governo. Agora é que a gente está conseguindo fazer alguma coisa. E a gente deve isso a jornalistas como você, que topam a briga.

BETO

A galera nova está vindo com tudo, Sérgio.

SÉRGIO

A gente tem lutado para que tua coluna continue como ela sempre foi. Um espaço de crítica, de arte, de deboche, de modernidade, de alguma liberdade no meio desse caos...

BETO

Eu tenho muito orgulho disso.

SÉRGIO

Mas chega uma hora que eu tenho que colocar um limite, Beto. E tu não imaginas como me dói fazer isso.

BETO

O que houve?

SÉRGIO

Essa nota que tu queres publicar amanhã.

BETO

Eu já estava imaginando que era isso.

SÉRGIO

Pelo amor de Deus, Beto. Olha o risco que tu estás correndo!

BETO

Mas é quente, eu tenho até fotos.

SÉRGIO

Mas não é isso, cara. Isso aí a gente publica de manhã e de manhã mesmo já

tem exército aqui dentro.

BETO

Eu não cito nome de ninguém, que tal?
Borro a cara...

SÉRGIO

Beto, olha só, não deixa a coisa mais difícil do que já é pra mim. A última coisa que eu quero na vida é virar censor. Mas é questão de cuidar de todo mundo aqui e de que a gente possa continuar trabalhando, do jeito que dá. O homem é grandão, Beto. Não dá para mexer com ele agora. Seria uma loucura.

BETO

A cidade ia pegar fogo, Sérgio.

SÉRGIO

E a gente ia queimar junto.

BETO

Eu odeio isso.

SÉRGIO

Eu também.

Os dois jornalistas permanecem em silêncio por alguns instantes.

SÉRGIO

E aí, Beto. O que que tu me diz?

BETO

Eu quero que a gente combine uma coisa.

42 INT. REDAÇÃO DO JORNAL O ESTADO - DIA

LAUDELINA está lixando as unhas, sentada atrás da sua mesa de trabalho.

BETO se aproxima com um envelope pardo nas mãos.

BETO

Oi, Lau!

LAUDELINA

Oi, Seu Beto. Como foi a reunião?

BETO

Coisinhas normais de trabalho. Nossa, Lau, já te falei como tu estás bonita hoje?

LAUDELINA

(tímida)

Ai Seu Beto, deixa de ser bobo.

BETO

Sério. Esse cabelo, não sei. Tu cortaste, né?

LAUDELINA

Ai, sim. Fui no Ailton Cabelereiro.

BETO

Ficou maravilhoso. Sabia que lá em Nova York as mulheres estão usando um corte bem assim?

LAUDELINA

(passando as mãos no cabelo)

Sério, Seu Beto?

BETO

Sim. Tu parece uma nova-iorquina, assim moderna, descolada.

LAUDELINA ri, envaidecida.

BETO

Lau, meu amor, olha só, deixa eu te pedir uma coisa.

LAUDELINA

Claro, Seu Beto.

BETO

É o seguinte, eu queria que tu guardastes esse envelope aqui contigo, num lugar bem seguro.

BETO entrega o envelope para LAUDELINA.

LAUDELINA

(desconfiada)

Mas o que é isso, Seu Beto?

BETO

Não é nada demais. Só uns negativos e o texto de uma nota que eu ia publicar amanhã, mas não vou mais.

LAUDELINA

Ah, tá bom.

BETO

Agora escuta bem, Lau. Se me acontecer alguma coisa, tu entregas isso pro Sérgio. Já está tudo combinado.

LAUDELINA

(nervosa)

Pelo amor de Deus, Seu Beto. Não fala uma coisa dessa.

BETO

Não vai acontecer nada. Mas se acontecer...

LAUDELINA

Seu Beto, hoje eu vou mandar rezar uma missa pro senhor, ali na catedral.

BETO

Lau, eu não morri ainda não.

LAUDELINA

É missa de ação de graças, Seu Beto. Para que Nosso Senhor ilumine o seu caminho.

BETO

Obrigado, Laudelina.

LAUDELINA

Ai que estranho, o senhor me chamando pelo meu nome inteiro.

BETO

Também achei. Prefiro Lau. Lau, uma coisa curta, contemporânea. Combina mais contigo, que é uma mulher assim a frente do nosso tempo.

LAUDELINA ri alto, ajeita a roupa, passa a mão nos cabelos.

BETO

Combinado então....Lau?

LAUDELINA
Claro, Seu Beto.

BETO se afasta, jogando um beijinho para LAUDELINA.

LAUDELINA, com o envelope nas mãos, olha ao redor, abre as gavetas, procurando onde pode guardá-lo de forma segura.

FIM DO FLASHBACK

43 INT. BAR DO ROMA - NOITE

VLAD está terminando de erguer as cadeiras do bar e colocá-las sobre as mesas.

Ele se dirige para a entrada do bar e começa a descer a porta metálica.

Um chute de um pé com coturno acerta a barriga de VLAD, que é arremessado para o chão.

Muitos militares invadem o bar. Eles vestem uniformes pretos e capacetes, tem os rostos cobertos por lenços e levam na cintura armas e cassetetes.

Os militares começam a vasculhar o bar, com muita truculência.

Derrubam as mesas, quebram móveis, copos e garrafas. Abrem e reviram armários e gavetas.

Um militar que parece o chefe da operação ergue VLAD do chão pelo colarinho.

MILITAR CHEFE
Cadê os materiais?

VLAD
(muito nervoso)
Que materiais? Eu não sei de nada!

o MILITAR CHEFE arremessa VLAD contra as mesas do bar. Depois junta VLAD do chão e o faz sentar numa cadeira.

MILITAR CHEFE
Melhor abrir o bico de uma vez, seu merda.

VLAD
(chorando)
Mas eu não sei do que o senhor está

falando, eu juro.

Um militar saqueia a caixa registradora e ao levantar a parte onde ficam as cédulas, encontra um exemplar de um jornal clandestino: *A Voz Operária*.

O militar leva o jornalzinho para o MILITAR CHEFE, que olha o material e faz um sinal afirmativo com a cabeça.

MILITAR CHEFE

(para VLAD)

Não sabe de nada, comunista filho da puta?

O MILITAR CHEFE acerta um tapa violento no rosto de VLAD. Imediatamente o nariz de VLAD sangra.

Outro militar encontra uma caixa embaixo do balcão do bar.

Abre a caixa e encontra livros considerados subversivos: Incidente em Antares, de Érico Veríssimo; Zero, de Ignácio de Loyola Brandão; Os Subterrâneos da Liberdade, de Jorge Amado; O Ateneu, de Raul Pompeia; além de obras de Marx, Engels, Lenin, Mao Tse-Tung.

O militar mostra a caixa para o MILITAR CHEFE.

MILITAR CHEFE

Taca fogo nessa merda.

44 EXT. FRENTE DO BAR DO ROMA - NOITE

Os militares fazem uma fogueira com os livros, na calçada em frente ao bar.

Ao fundo, vemos através da porta de metal um pouco levantada, fragmentos das ações brutais dos militares.

Vemos coturnos em movimento. Ouvimos os sons das pancadas e os gritos desesperados de VLAD.

A distância, escondido atrás de um poste, na esquina oposta ao bar, PAULINHO observa a cena assustado.

45 EXT. AVENIDA HERCÍLIO LUZ - NOITE

De dentro do Dodge Polara, BETO e WERNER observam com tensão

as muitas viaturas da polícia paradas nas esquinas e pessoas de frente para os muros, sendo revistadas com brutalidade.

BETO

Essa noite não vai ter fim.

Eles veem PAULINHO correndo na calçada e encostam o carro ao lado dele.

PAULINHO percebe o carro e se debruça na janela do passageiro.

PAULINHO

(nervoso e ofegante)

Pegaram o Vlad!

46 EXT. PRAÇA XV - NOITE

BRIGITE em primeiro plano, olha para a câmera. Ao fundo, suas filhas conversam e circulam pela praça.

BRIGITE

Essa noite o ar está pesado. Não é só o frio e a cerração, não. Tem outra coisa. Como se fosse uma nuvem de coisa ruim que vai crescendo, crescendo. Daqui a pouco envolve a Ilha toda. Vai ficar até difícil de respirar. Ainda bem que eu tenho o corpo fechado, porque daqui a pouco eles vão chegar. Na maior parte do tempo eles não ligam pra gente, não. A gente fica aqui, misturada com as sombras das árvores. Ninguém nem vê, ou finge não ver. Mas tem hora, quando eles não tem mais o que fazer, pra onde ir, em quem bater, que eles vem pra cá, pra descarregar a macheza deles.

Ao fundo, chega um grupo de militares, investindo com truculência contra o grupo de travestis.

BRIGITE

Daí é aquela coisa, tem que saber a hora de brigar e a hora de correr.

BRIGITE se vira para a cena do ataque.

BRIGITE
(para as filhas)
Corre, gurias! Corre!

As travestis se dispersam, algumas se desvencilham dos militares que as seguravam e correm, desaparecendo nas sombras. Os militares correm atrás delas.

A praça vai ficando vazia. Resta na cena apenas um militar, com o rosto coberto por um lenço.

Ele fica parado, no meio da praça, olhando fixamente, de forma desafiadora, para BRIGITE. Ela retribui o olhar com altivez.

O militar aperta o cassete com força.

BRIGITE desce do salto alto, sem tirar os olhos do seu oponente.

BRIGITE, nesse momento, parece imensa.

O olhar do militar agora é de medo.

BRIGITE ameaça um movimento de avanço.

O militar dispara a correr na direção contrária, em fuga.

BRIGITE corre atrás dele pela praça vazia.

Eles contornam árvores, canteiros, bancos, atravessam a rua e chegam na frente da catedral.

Num arroubo de coragem, o militar se vira para BRIGITE, com o olhar apavorado e ergue o cassete.

BRIGITE desfere um golpe de capoeira, acertando um chute na cara do militar.

O militar é arremessado ao chão, o cassete voa longe e o lenço que cobria seu rosto cai.

Vemos que se trata do MILITAR CHEFE, que comandou o ataque ao BAR do ROMA.

O MILITAR CHEFE se levanta trôpego e leva a mão ao coldre, para puxar o revólver.

MILITAR CHEFE
(com ódio)
Viado nojento.

BRIGITE é mais rápida e mais forte. Ela atinge, num golpe violento, o rosto do MILITAR CHEFE, arranhando-o com as unhas enormes.

O MILITAR CHEFE cai de joelhos, gritando de dor. Ele cobre os rosto com as mãos, tentando segurar o jorro de sangue que flui entre seus dedos.

MILITAR CHEFE
(aos prantos, com a cabeça
abaixada)
Desgraçado! Eu vou te pegar, filho da
puta!

O Dodge Polara, agora com PAULINHO no banco de trás, para ao lado de BRIGITE.

BETO, WERNER e PAULINHO olham a cena, espantados.

BETO
(para BRIGITE)
Entra no carro, Brigitte.

47 EXT. RUAS DE CENTRO - NOITE

BETO, WERNER, PAULINHO e BRIGITE estão dentro do Dodge Polara, em alta velocidade pelas ruas do Centro.

Eles permanecem em silêncio, tensos.

BETO, dirigindo, olha constantemente pelo espelho retrovisor.

PAULINHO e BRIGITE, no banco de trás, de vez em quando olham pelo vidro de trás do carro, atentos a algum veículo que os possa seguir.

O Dodge Polara passa por um esquina e faz a curva para entrar numa grande avenida, cantando o pneu.

Na esquina oposta, um carro estacionado nas sombras acende os faróis. É o Fusca do DELEGADO ELÓI, que começa a andar, seguindo a direção do Dodge Polara.

O Dodge Polara sai da avenida e entra na subida de um morro.

O carro sobe lentamente pelas vielas.

Pelas janelas do carro, vemos a cidade lá embaixo, se distanciando.

48 EXT. TOPO DO MORRO - NOITE

O Dodge Polara está estacionado no topo de um grande morro da região central de Florianópolis.

As portas do carro estão abertas e os faróis iluminam BETO, WERNER, PAULINHO sentados em uma grande pedra, na beirada do morro cheio de árvores, encolhidos por causa do vento gelado.

BRIGITE está afastada, encostada no capô do carro, descalça. Ela escuta a conversa de longe.

Lá de cima eles avistam o centro da cidade em sua totalidade, as pontes iluminadas ao fundo e o continente mais além.

BETO

Não era desse jeito que eu queria que a cidade pegasse fogo.

PAULINHO

E agora, o que a gente vai fazer? O Vlad está fodido. E se ele some? Como é que fica a mulher dele, os filhos...

BRIGITE permanece alheia ao assunto, a respiração profunda, o olhar fixo para a paisagem lá embaixo.

WERNER

Mas será que não tem um jeito?

PAULINHO

(muito triste)
Tadinho do Vlad.

WERNER

Para onde levaram o cara?

PAULINHO

Pro DOPS.

Ao ouvir a resposta de PAULINHO, BETO ergue a cabeça rapidamente, como se tivesse uma ideia perigosa.

BETO

O diretor, o Pedro Carlos, ele deve estar de plantão hoje. É um noite importante para a Operação.

PAULINHO

Com certeza.

BETO se levanta e começa a se dirigir para o carro.

BETO

Talvez seja a maior merda que eu faça
com a minha vida, mas foda-se.

WERNER e PAULINHO também se levantam e se dirigem para o
carro.

BETO

(para BRIGITE)

Vem, Brigitte. Vamos descer.

BRIGITE se afasta do capô do carro e para em frente às luzes
do farol.

BRIGITE

Não vou não, Beto. Olha o que eu fiz,
cara. Eu retalhei a cara do milico.
Não estou arrependida, não. Eu gostei.
Achei foi pouco. Mas eu não posso dar
mole. Agora, está a milicada toda
atrás de mim. Apertando as minhas
filhas pra saber onde eu estou.
Descendo o cacete nelas. Eu sei como
é. Olha pra mim. Tu achas que se me
pegarem, vai ter processo, advogado,
juiz, jornalista denunciando? Vai ter
só uma cova rasa, lá na puta que pariu
do Moçambique. Eu não vou, não, Beto.
Vai lá salvar o teu amigo, pra família
dele não ficar triste. Eu vou ficar
por aí. Eu vou dar o meio jeito.
Ninguém precisa me salvar, não.
Sozinha, eu sei que eu não estou. Eu
vivo mais que todo mundo. Pode deixar
que eu vou pela sombra. Na sombra eu
me misturo. Eu viro noite.

BETO, WERNER e PAULINHO acompanham com o olhar BRIGITE
caminhar em direção ao escuro entre as árvores.

BETO

A gente se vê, Brigitte.

BRIGITE

(cantando)

...por que mistério sempre há de

pintar por aí...

BRIGITE segue cantando a música até desaparecer nas sombras do matagal.

49 EXT. SUBIDA DO MORRO - NOITE

O Fusca do DELEGADO ELÓI está atravessado no meio da rua, impedindo o acesso entre o morro e a avenida.

DELEGADO ELÓI e VILSON estão fora do carro, encostados na lateral do FUSCA, virados para a subida do morro.

DELEGADO ELÓI

Dessa vez esse maconheiro safado não me escapa.

VILSON

Porque a gente não sobe?

DELEGADO ELÓI

Não, não. Precisaríamos de reforços. Vai saber como é lá em cima. Eu quero resolver isso sozinho.

VILSON

Entendi, o mérito fica só pro senhor, né?

DELEGADO ELÓI

(disfarçando)

Na verdade, as corporações estão muito ocupadas essa noite.

VILSON

Mas tem que ver que tem mais gente no carro agora.

DELEGADO ELÓI

É tudo frouxo. A gente dá conta. E qualquer coisa..

DELEGADO ELÓI mostra a arma presa no coldre, por baixo do casaco.

Os dois permanecem calados, olhando para a subida do morro por um tempo.

VILSON

O senhor tem certeza que só tem essa saída do morro? Dizem que lá em cima, os morros do maciço são todos conectados.

DELEGADO ELÓI

Ele não deve conhecer nada lá em cima. Deve ter subido para pegar erva, com certeza. Vai descer abastecido. É a situação perfeita para o flagrante.

VILSON

Então vamos esperar, não é?

Eles esperam em silêncio, olhando para a subida do morro. VILSON boceja.

VILSON

E se não descerem?

DELEGADO ELÓI

Uma hora vão ter que descer.

Esperam em silêncio por um tempo.

VILSON se mexe, desconfortável, esboça um alongamento.

VILSON

Dor nas costas.

DELEGADO ELÓI não presta atenção, focado na subida do morro.

VILSON se encolhe, fechando o casaco.

VILSON

Frio.

DELEGADO ELÓI parece impaciente.

VILSON

Fome.

DELEGADO ELÓI

(irritado)

Porra, Vilson.

No alto da subida do morro, em meio à cerração, surgem os faróis de um carro que vem descendo o morro.

DELEGADO ELÓI
São eles!

Os policiais, nervosos, se preparam para a abordagem.

50 EXT. SUBIDA DO MORRO/CARRO DO BETO - NOITE

O Dodge Polara, com BETO, WERNER e PAULINHO, vem descendo o morro.

WERNER percebe o Fusca lá embaixo, atravessado na saída do morro.

WERNER
(apontando)
Olha lá!

BETO
Merda.

PAULINHO
(desesperado)
É a polícia! E agora, Meu Deus? Eu
estou fodido!

BETO
(muito agitado, para WERNER)
Baby, rápido! Pega a sacolinha no
porta-luvas.

PAULINHO
(dramático)
Meu Deus, acabou! Acabou!

WERNER abre o porta-luvas e tira a sacolinha de dentro.

BETO
Tem um envelope aí dentro. O envelope!

WERNER tira o envelope de dentro da sacolinha.

WERNER
Esse aqui?

BETO
Isso. Entrega pro Paulinho.

PAULINHO
(apavorado)
Pra mim? Não! Mas o que que tem nesse
envelope?

BETO

Pega de uma vez, Paulinho. Esconde aí contigo.

PAULINHO

Mas porque eu?

BETO

Sei lá. Porque tu trabalhas na Celesc.
Rápido, Paulinho.

WERNER entrega o envelope para PAULINHO, que, todo atrapalhado, guarda no bolso de dentro do casaco.

O Dodge Polara se aproxima dos policiais, que fazem sinal pra que eles parem.

O DELEGADO ELÓI se aproxima da janela do motorista, a mão pousada sobre o coldre.

DELEGADO ELÓI

Ora, ora, se não é o famoso jornalista Beto.

BETO

Que honra, ser abordado pelo cada vez mais famoso Delegado Elói!

DELEGADO ELÓI

Todo mundo desce do carro. Agora!

BETO, WERNER e PAULINHO começam a sair do carro.

DELEGADO ELÓI

Encosta ali na parede.

BETO, WERNER e PAULINHO encostam as mãos no muro, em posição para a revista.

DELEGADO ELÓI

Abre as pernas.

PAULINHO

Eu nao tenho nada não, senhor. Nada, não tenho nadinha. Nada mesmo.

DELEGADO ELÓI

(para Vilson)

Revista o carro.

Enquanto o DELEGADO ELÓI começa a revistar BETO, VILSON

revista o carro.

PAULINHO

Eu só peguei uma carona, na verdade.
Não tenho nada nos bolsos, nada.
Limpo, limpíssimo.

DELEGADO ELÓI termina de revistar BETO e parte para revistar GERSON.

DELEGADO ELÓI

Documentos, rapaz.

WERNER

Na carteira, senhor.

DELEGADO ELÓI pega a carteira no bolso de WERNER e olha a carteira de identidade.

DELEGADO ELÓI

Werner...não consigo nem pronunciar
esse sobrenome.

WERNER

É alemão.

DELEGADO ELÓI

Não te perguntei nada.

WERNER

Desculpe, senhor.

DELEGADO ELÓI

Essa cidade aqui, é em Santa Catarina?

WERNER

É sim, senhor.

DELEGADO ELÓI

Nunca ouvi falar.

WERNER

É bem pequena.

DELEGADO ELÓI

Ué, mas não era primo do outro?

BETO

É segundo grau.

DELEGADO ELÓI
E veio fazer o quê, aqui na cidade?

BETO
UFSC. Ele faz UFSC.

WERNER
Isso. UFSC.

DELEGADO ELÓI
Rapaz novo desse, tem que escolher
melhor as companhias.

DELEGADO ELÓI começa a revistar PAULINHO.

PAULINHO
Eu nem conheço direito essas pessoas,
doutor. Eu estava só passando...

DELEGADO ELÓI
(para PAULINHO)
Cala a boca. Documentos.

PAULINHO
Eu trabalho na Celesc.

DELEGADO ELÓI
(surpreso, olhando o documento)
Ah, é? Celesc?

PAULINHO
Concursado!

BETO
Esse aí o senhor não pode prender. Se
ele falta amanhã no serviço, a luz
acaba em Santa Catarina.

VILSON termina a revista no carro.

VILSON
(para DELEGADO ELÓI)
Tudo limpo aqui, doutor.

DELEGADO ELÓI interrompe a revista em PAULINHO.

DELEGADO ELÓI
Não é possível. Olhou direito?

VILSON
Olhei tudinho, doutor. Só tem uma

sacola de panfletos e umas fitas
cassete.

DELEGADO ELÓI
(baixinho)
Merda.

BETO
Bom, acho que estamos liberados, não?
Mais alguma coisa, delegado?

DELEGADO ELÓI
Quem libera ou não aqui sou eu.

BETO
Claro, delegado. De jeito nenhum eu
estou questionando a sua autoridade.
Mas é que já está tarde e amanhã eu
tenho um show grande pra produzir.

DELEGADO ELÓI
(decepcionado)
Estou sabendo.

WERNER
E eu tenho aula.

PAULINHO
E eu tenho um monte de papel pra
carimbar.

VILSON
(de longe)
E eu estou com fome.

DELEGADO ELÓI
Chega. Estão liberados...dessa vez.

BETO, WERNER e PAULINHO, aliviados, começam a voltar pro
Dodge Polara.

VILSON entra no Fusca e liga o motor.

DELEGADO ELÓI segura BETO pelo braço.

DELEGADO ELÓI
(ameaçador)
Olha aqui. Dessa vez tu te escapaste,
mas é bom tu ficares ligado. Eu não
desisto fácil.

BETO e DELEGADO ELÓI se encaram por um tempo.

BETO se desvencilha suavemente do DELEGADO ELÓI e se junta a WERNER e PAULINHO entram no Dodge Polara.

VILSON tira o FUSCA do meio da rua.

O Dodge Polara ronca o motor e sai rapidamente.

VILSON
(de dentro do Fusca)
Vamos pra casa, doutor?

DELEGADO ELÓI observa o Dodge Polara se afastando.

DELEGADO ELÓI
Ainda não acabou. O jornalista é
esperto, mas ainda tem os artistas.
Não vai ter show.

DELEGADO ELÓI dá a volta para entrar no Fusca pelo lado do passageiro.

DELEGADO ELÓI
Toca pro hotel.

51 EXT. PAREDÃO DA HERCÍLIO LUZ - NOITE

O Dodge Polara estaciona em frente a um dos prédios do paredão.

BETO
Me dá o envelope, Paulinho.

PAULINHO tira o envelope do bolso interno do casaco e entrega para BETO.

PAULINHO
Não quero nem saber o que tem aí.

BETO
Melhor mesmo.

PAULINHO
Beto, vai ter show?

BETO
Claro que vai.

PAULINHO
Eu queria tanto ir. Teria como tu me
arru...

BETO
(interrompendo)
Vai dormir, Paulinho. Eu vou lá tentar
fazer uma coisa.

PAULINHO já está fora do carro e se debruça na janela do
passageiro.

PAULINHO
Toma cuidado, amigo.

PAULINHO entra na portaria do prédio.

BETO
(para WERNER)
E tu?

WERNER
Que que tem?

BETO
Não quer descer por aqui também? A
gente acerta e tu podes...

WERNER
(interrompendo)
Eu quero ficar.

BETO sorri.

52 EXT. RUA DO DOPS - NOITE

O Dodge Polara está estacionado há alguns metros do DOPS.

O movimento de militares, entrando e saindo da delegacia, é
intenso. Dois soldados guardam a entrada.

Dentro do Dodge Polara, BETO guarda o envelope no bolso do
casaco. WERNER, no banco do passageiro, acompanha com
atenção.

BETO
Eu só preciso de uns minutinhos com o
diretor-geral, o doutor Pedro Carlos.

WERNER

Mas ele vai te receber assim, do nada,
a essa hora da madrugada?

BETO

Baby, eu sou o Beto. Não tem portas
fechadas para mim nessa cidade.

BETO sai do carro e se dirige à entrada do DOPS. WERNER observa BETO se aproximando dos dois soldados que guardam a entrada.

53 EXT. ENTRADA DO DOPS - NOITE

BETO se aproxima dos dois soldados.

BETO

Com licença. Boa noite.

Os soldados olham fixamente para BETO, com expressão de nada.

BETO

Eu sou o Beto. Beto Stodieck. O
jornalista...

Os soldados continuam impávidos.

BETO

Bem, eu não quero atrapalhar o
trabalho dos senhores, mas eu gostaria
de trocar umas palavrinhas com o
Doutor Pedro Carlos. Ele está de
plantão hoje, imagino. Coisa rápida.
Ele certamente sabe quem eu sou...

SOLDADO 1

Cai fora.

54 EXT. RUA DO DOPS - NOITE

WERNER observa BETO se despedindo dos soldados e voltando em direção ao Dodge Polara.

BETO entra no carro.

WERNER

E aí? Como foi?

BETO
Não rolou.

WERNER
Poxa.

BETO
Mas eles foram super simpáticos.

WERNER
E agora?

BETO
Não sei o que fazer pro cara me
receber. Eu tinha que ter um contato
forte, mas essa gente não é meu
público.

WERNER
Celsinho.

BETO
Que?

WERNER
O Celsinho deve conhecer alguém.

BETO
Baby, tu és ótimo.

55 EXT. ORELHÃO - NOITE

BETO, com a agenda na mão, disca um número no telefone
público.

56 INT - APARTAMENTO DE CELSINHO/QUARTO - NOITE

CELSINHO está deitado na cama, ao lado do GARÇOM.

O telefone toca insistentemente.

CELSINHO acorda, liga o abajur, muito bravo.

57 INT. APARTAMENTO DE CELSINHO/SALA - NOITE

CELSINHO atende o telefone.

CELSINHO
(bravo)
Alô!

58 INT./EXT. ORELHÃO/APARTAMENTO DE CELSINHO - NOITE

TELA DIVIDIDA BETO E CELSINHO

BETO
Alô, Celsinho? É o Beto.

CELSINHO
Pelo amor de Deus , Beto. Isso são horas?

BETO
Desculpa, Celsinho. Mas aconteceu uma coisa grave, eu preciso da tua ajuda.

FIM DA TELA DIVIDIDA

59 INT. QUARTO DE MARIETA/APARTAMENTO DE CELSINHO - NOITE

MARIETA, esposa do diretor Pedro Carlos, é uma mulher branca, muito magra, de cerca de 50 anos. Ela está dormindo em uma cama luxuosa, usando uma máscara que lhe cobre os olhos.

O telefone, ao lado da cama, toca insistentemente.

MARIETA acorda, tateia a mesinha de cabeceira até encontrar a tomada do abajur e acendê-lo, levanta a máscara dos olhos e atende o telefone.

MARIETA
Alô?

TELA DIVIDIDA MARIETA E CELSINHO

CELSINHO
Alô, é Marieta? Celsinho Pamplona aqui.

MARIETA
Celsinho, o que aconteceu?

CELSINHO
Minha querida, desculpe o adiantado da hora, mas é que eu tive uma ideia tão maravilhosa que envolve a sua pessoa,

que eu não podia deixar para amanhã.

MARIETA

Que susto, Celsinho. Que ideia?

CELSINHO

É que essa semana eu pensei em fazer um programa especial lá na televisão, sabe? Uma homenagem à mais bela e elegante dama da sociedade catarinense. Vai ter desfile de modas e tudo!

MARIETA

Que chic, Celsinho. Mas quem seria essa homenageada? Aposto que é a Inezita Koerich ou a Carmela Boabaid...

CELSINHO

Claro que é você, meu amor!

MARIETA

(em êxtase, sentando na cama)

Eu? Mas Celsinho...

CELSINHO

Nada mais justo do que homenagear você, que representa a *crème de la crème* da nossa sociedade.

MARIETA

Olha, eu não sei nem o que dizer, eu estou assim...

CELSINHO

Topas?

MARIETA

Mas, é claro! Eu jamais imaginei. Olha, eu fico profundamente lisonjeada. Meu deus, tenho que ver o vestido que eu vou usar!

CELSINHO

Quero escrever um texto belíssimo para abertura do programa, homenageando essa mulher, mãe e esposa, que além de todas as caridades que faz, ainda apoia o marido, o nosso digníssimo diretor-geral Pedro Carlos.

MARIETA

É o que mais me dá trabalho, cuidar desse homem. Hoje mesmo, ele está de plantão, veja bem. Trabalhando a noite inteira em prol da segurança do nosso povo.

CELSINHO

Aliás, Marieta querida, por falar no doutor Pedro Carlos... Tem um amigo meu que precisava de uma gentileza, uns minutinhos com o seu marido, coisa rápida. Seria pedir demais que tu intercedestes?

MARIETA

Imagina, Celsinho. Com o maior prazer. Amanhã eu vejo a agenda dele e te falo.

CELSINHO

Ah, seria para hoje.

MARIETA

Hoje?

CELSINHO

Na verdade, agora. Nada que uma ligação tua para o serviço do Pedro Carlos não resolvesse. Mas, claro, a última coisa que eu quero na vida é te incomodar.

FIM DA TELA DIVIDIDA

MARIETA olha para o relógio na mesinha de cabeceira, marcando 4h da manhã.

MARIETA

Como é o nome do teu amigo?

60 INT. DOPS - NOITE

A sala do DOPS é ampla e sombria, o mobiliário é antigo, de madeira maciça escura.

BETO está sentado em frente a uma mesa, esperando ser atendido pelo diretor Pedro Carlos.

Sobre a mesa, um porta-retratos mostra uma cena familiar feliz de PEDRO CARLOS, MARIETA e seus filhos pequenos.

DIRETOR PEDRO CARLOS é um homem muito pequeno, mas ameaçador, por volta dos 60 anos. Ele senta-se na cadeira atrás da mesa, de frente para BETO.

DIRETOR PEDRO CARLOS

Então o senhor é amigo da minha Marieta?

BETO

Na verdade, nós temos amigos em comum.

DIRETOR PEDRO CARLOS

A Marieta adora essas pessoas assim ...modernas. O cabeleireiro dela, o...como é mesmo o nome? Enfim, ela adora, ele é uma criatura muito divertida. O senhor deve conhecer, me fugiu o nome agora...

BETO

Eu conheço muita gente, até por causa do meu trabalho no jornal.

DIRETOR PEDRO CARLOS

A Marieta saiu no jornal, dia desses. Na coluna do Zury. Ela ficou muito contente, mas o problema é que ela é muito ansiosa, sabe? Muito frágil, a minha Marieta. Ela tem uma coisa nos nervos, é de família. Qualquer coisinha, ela já sai do prumo. Mas, medicada, ela fica ótima, graças a Deus. Geniosa, olha, quando põe uma coisa na cabeça, não pode contrariar. Imagine o senhor que ela me pediu para irmos ao Rio de Janeiro, porque queria um vestido para usar na foto que vai sair no Zury. Mas tinha que ser um vestido daquele costureiro famoso, da televisão, o Clodovil. E lá fomos nós, porque não tem desejo da minha Marieta que eu não faça de tudo pra realizar. Essa mulher é a minha vida. O homem só conhece o amor verdadeiro quando, por trás dele, tem uma mulher que o apoie. Mas, no que posso lhe ser útil, senhor Roberto?

BETO

É que houve um equívoco na operação de hoje e meu amigo Vladimir foi detido injustamente. Eu vim pedir para que o senhor resolva esse engano. A mulher dele está desesperada.

DIRETOR PEDRO CARLOS

O senhor é amigo de comunistas?

BETO

Ele é um intelectual, um jornalista, um escritor.

DIRETOR PEDRO CARLOS

Veja bem, senhor Roberto. O nosso trabalho aqui é sério e importante. Pessoas como o seu amigo agem na surdina, ao arrepio da lei, conspirando contra a democracia e contra os valores morais, cívicos e religiosos que fundamentam a nossa pátria. Essas pessoas se reúnem em grupos, muitos deles armados, para elaborar ataques contra as nossas instituições.

BETO

Imagina o Vlad segurando uma arma. Ele não tem nada a ver com isso, não.

DIRETOR PEDRO CARLOS

São terroristas. Merecem punição exemplar. Seu amigo foi o único detido na operação de hoje e precisamos dele, porque ele tem informações sobre os outros. E a gente sabe o jeitinho necessário para obtê-las. Então, a resposta é não. Mais alguma coisa?

BETO

Será que a Dona Marieta ficaria feliz com uma foto do senhor no jornal?

BETO tira o envelope do bolso e coloca sobre a mesa.

BETO

Ou ficaria atacada dos nervos?

DIRETOR PEDRO CARLOS

Senhor Roberto, pense bem se vale a

pena fazer o que os senhor está prestes a fazer. Talvez seja melhor o senhor ir para a sua casa, descansar um pouco, esfriar a cabeça. Amanhã seu dia será intenso, que eu já estou sabendo.

BETO

A minha coluna é uma coluna social também, que nem a do Zury. Mas a minha tem uma pegada mais moderna. Eu acho saudável mostrar para a sociedade que pessoas importantes como o senhor tem fantasias, como todo mundo e tem a cabeça aberta, sabe? Acho que humanizaria até a sua pessoa.

DIRETOR PEDRO CARLOS abre o envelope e retira as fotos de dentro. Nelas o diretor aparece seminu, em poses fetichistas ridículas.

BETO

Eu já redigi até o texto da nota, pra adiantar o serviço. Está lá na redação, junto dos negativos. Tudo pronto pra publicar. Inclusive, se eu não aparecer, eles publicam mesmo assim. O povo lá é muito eficiente.

DIRETOR PEDRO CARLOS está atônito.

BETO

Mas claro, se o senhor não gostar da ideia, é só soltar o VLAD.

61 EXT. RUA DO DOPS - NOITE

MÁRCIA, esposa de VLAD, uma mulher negra de 40 e poucos anos, espera na frente do DOPS.

MÁRCIA parece muito nervosa, à beira do choro.

As portas do DOPS se abrem e surge VLAD, machucado, andando de forma trôpega.

Ele vai ao encontro de MÁRCIA e eles se abraçam longamente.

De dentro do Dodge Polara, BETO e WERNER observam o abraço aliviado do casal.

62 EXT - CARRO DE BETO/PONTE HERCÍLIO LUZ - NOITE

O Dodge Polara cruza a Ponte Hercílio Luz.

A cabeça de WERNER está encostada no vidro da janela e ele observa a estrutura metálica da ponte, que passa veloz pelo vidro da janela do carro.

BETO (OFF)

Imagina se a Ilha se desprendesse,
deixasse o Estreito e as duas pontes
pra trás e saísse Atlântico afora. A
gente poderia bater na África.

WERNER (OFF)

Ou, quem sabe, ficar no meio do
oceano.

BETO (OFF)

Longe de tudo e de todos.

WERNER (OFF)

Só nós.

63 EXT - PRAIA DE ITAGUAÇU - NOITE/AMANHECER

Os faróis do Dodge Polara iluminam as pedras da Praia de Itaguaçu.

As portas do carro estão abertas.

O toca-fitas está ligado e ouvimos *Cuide-se Bem*, de Guilherme Arantes.

BETO e WERNER estão sentados sobre o capô do carro, olhando as pedras iluminadas imersas no mar calmo.

BETO

Será que nessa altura da vida ainda dá
pra largar tudo e partir pra outra?

WERNER

Acho que não tem hora para mudar de
rumo. Difícil é segurar essa decisão.

BETO

Ser livre é fundamental nesse final de
século.

WERNER

Tem a saudade de antes e tem o medo do futuro. A gente se perde fácil no presente.

BETO

Os caras lá no apartamento...

WERNER

Que que tem?

BETO

Ficaram loucos por ti.

WERNER

Mas eu já estava acompanhado.

Os dois se olham por alguns instantes.

BETO levanta-se bruscamente, cortando o clima.

BETO

Porra! O show! Cara, eu tenho mil coisas pra fazer. Até em merda de delegacia pra resolver coisa de autorização eu tenho que ir.

BETO vai até o porta-luvas do carro, pega a carteira, abre e tira algumas notas de dinheiro.

BETO

(de dentro do carro)

Melhor eu te levar pra casa.

BETO ergue-se de dentro do carro e vê WERNER nu, de costas, o corpo forte iluminado pelos faróis, entrando na água.

WERNER

(de dentro da água, vira-se para

BETO)

Não dá pra levar a vida muito a sério, Beto. A gente não vai sair vivo dela mesmo.

Os primeiros raios de Sol começam a surgir entre as pedras.

BETO hesitante, decide aproximar-se da água, tira os sapatos e sente a água gelada.

WERNER mergulha e emerge da água, atraindo BETO para entrar na água.

BETO entra vestido na água.

Devagar ele aproxima-se de WERNER.

BETO treme.

Os dois estão próximos, olham-se nos olhos, profundamente, por alguns momentos.

WERNER abraça BETO, como se quisesse o aquecer.

O Dodge Polara, com as portas abertas e os faróis ligados, testemunha o beijo dos dois homens.

Na tela lemos:

Na manhã do dia 15 de julho de 1976, o cantor Gilberto Gil foi preso em Florianópolis, portando um cigarro de maconha.

Mesmo assim, depois de uma longa e tensa negociação, o histórico show dos Doces Bárbaros em Florianópolis aconteceu.

FIM